

caminhar

Crónicas publicadas no Jornal Voz Portucalense
2011-2015

Joaquim Armindo



Tecto de Nuvens

Título

Caminhar - Crónicas publicadas no Jornal Voz Portucalense: 2011-2015 - *

Edição

Tecto de Nuvens, Edições e Artes Gráficas, Lda.

960131916; geral@tecto-de-nuvens.pt

www.tecto-de-nuvens.pt

Coordenação literária de

Teresa Cunha

teresacunha@tecto-de-nuvens.pt

Autor

Joaquim Armindo Pinto de Almeida

Capa

João Ribas

Revisão

Tecto de Nuvens

Concepção Gráfica

Tecto de Nuvens

Paginação

Tecto de Nuvens

* Publicação autorizada pela VP.

© *Joaquim Armindo Pinto de Almeida*

Direitos reservados segundo a legislação em vigor

ISBN:978-989-54804-0-1

D.L. 469916/20

Textos, incluindo os mais antigos, baseados no novo Acordo Ortográfico

O conteúdo literário e plástico desta obra é da inteira e exclusiva responsabilidade do autor.

A gerência da Tecto de Nuvens

as três floritas

as botas cardadas abomináveis,
dos que anseiam tempestades, e fazem do mar o escabelo dos
pés,

esmagam as três floritas,

que riem para o sol,
e brincam entre a relva,
e fecham para a noite as pétalas.

nos tormentos das águas, vivem
e nas selvas estão acordadas,
onde escutam o som dos pardais,
como quem as enamora,
vão seguindo os caracóis, que não roem,
e a folhagem que as aconchega.

mas nos tristes jardins dos homens,
sugam-nas, cortam-lhes a vida,
porque pisam a relva, pisam as três floritas,
que anunciam a esperança da vida.

mas guardá-las quando sorriem nos corações,
é obra de mãos que não estão sujas,
nem os cotovelos amarelos,
nem pés que as trincam.

e só são três floritas brancas, no meio da relva.

Joaquim Armindo

Abril de 2020

Dedicatória

Aos Jovens do Torne que nos anos mais frios da ditadura, conseguiram unidos enfrentá-la, especialmente àqueles e àquelas que há 50 anos, 18 de maio de 1970, receberam a carta da Comissão de Censura a proibir a pró-revista “esboço” – jornal dos jovens da Igreja Lusitana de S. João Evangelista – Torne.

Continuamos a luta então, apesar dos castigos sofridos, como continuaremos sempre juntos.
Obrigado.

5/4/2011

CRESCER OU DESENVOLVER

Ouvimos da boca dos responsáveis e líderes que é fundamental o crescimento da economia portuguesa, somos bombardeados com números e mais números, sem que entendamos muito bem do que falam. Todos querem crescer, e na minha humilde condição de cidadão participativo, não compreendo. É que o crescimento gera sempre crise. O crescimento é um chavão que esconde as realidades porque passam as pessoas, a sua cidadania. Nesta Quaresma tenho pensado nesta questão, como o povo a que pertencemos sairá de juros, défices, que o leva a uma cidadania solipsista. Lembro-me que Jesus “crescia diante de Deus e dos homens”, e reflecto se este “crescer”, é o mesmo que agora todos proclamamos, e sinto uma diferença abismal. É que crescer diante de Deus e dos homens, é um desenvolvimento integral, não condicionado, colocando sempre o bem comum, as pessoas, a cidadania participativa, o perdão, num paradigma outro, que faz de cada mulher e cada homem participantes activos, construtores do novo nome da paz, que é a justiça, como referiu Paulo VI.

O “crescer” de Jesus, é um desenvolvimento integral, sem mácula, porque é de serviço, hoje diríamos que é o Desenvolvimento Sustentável, nos domínios da economia, do ambiente, da coesão social e cultural, o entendível para todos os povos, mas, e como se reconhece em algumas Universidades, da Gestão das Organizações, é uma marca indelével a espiritualidade de todas as nossas acções. Este é o desenvolvimento imprescindível, enquanto o crescimento traduz-se por números obsoletos, e que os “homens da sabedoria” andam às voltas.

Hoje na continuação da missão, em comunidade cristã, da Diocese do Porto, deveremos ter como especial atenção as “sarças ardentes”, onde está Deus, crucificado, e como referia o Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes: “De pé diante dos homens, de joelhos perante Deus”. A “missão” não é abstracta, mas deve assumir a denúncia e a profecia, a intervenção a que os sinais dos tempos nos conduzem, e caminhar para uma Terra onde “mana leite e mel”.

19/7/2011

NOVA EVANGELIZAÇÃO

Recordo-me que o insigne Professor Paulo Freire, da Universidade de S. Paulo, Brasil, e autor do excelente livro “Pedagogia do Oprimido”, se referia às questões do “ensinar”, com estas palavras “Ninguém ensina ninguém, nós é que nos ensinamos uns aos outros”.

Tenho sempre uma tendência em lembrar-me destas palavras, quando falamos em “Evangelição”, e a minha tentação é saber se são, ou não, os confessadamente ateus, agnósticos, e, principalmente, os indiferentes, que ensinam aos cristãos, o que se traduz em Evangelizar, e, sobretudo, na Nova Evangelização. E na deambulação dos meus pensamentos, corro os riscos se não serão eles, que nos estão a evangelizar. E interrogo-me se não estarei a ser herege, ao ousar pensar assim.

Mas sendo ou não herege, o facto é que, com a maior consideração que me merecem os ateus, agnósticos e indiferentes, são eles, e digo felizmente, que me abrem os olhos, qual dom do Espírito?, sim, com a lama que Jesus amassou, para verificar que nós os cristãos, os baptizados, os que possuem a iniciação cristã, somos os maiores responsáveis, pela ação ou omissão, que traduzimos essa indiferença, a falta de fé, os maiores contra exemplos do que foi, e é, Jesus de Nazaré. Não me estou a autoflagelar, não senhor! O excelente livro “Ensaio sobre a Autoflagelação”, de Boaventura Sousa Santos, de ler obrigatoriamente, situou-me no ponto impossível, de o fazer.

Estou a pensar, isso sim, de como atua o Espírito do Senhor, quando e em quem quer, e a Nova Evangelização, é fortemente para nós, os cristãos, que já nem do Domingo, fazemos o Dia do Senhor, uma urgência sem par. É o exemplo de cada um de nós, *a praxis*, e deixem-me dizê-lo, incubados dentro das portas dos templos, de todos os que existem, e dos outros que fazemos ao nosso redor, os maiores responsáveis, porque ainda não fomos tocados pela Palavra do Senhor, quanto temos de “bater com a mão no peito”, por não termos proclamado à humanidade a Palavra, e esta pelas atitudes, pelos gestos, pela nossa camuflada indiferença. Na Nova Evangelização, que tarda em se fazer sentir, recolhemos os ensinamentos de tantos ateus e agnósticos, e até dos indiferentes, que é feroz, para sabermos proclamar a Palavra do Senhor. São eles, com todo o respeito, que nos fazem sentir a necessidade de sermos evangelizados, e nos deixarmos evangelizar, como servos inúteis, duma inutilidade tão grande, que pensamos que o não somos.

Tarda evangelizar os cristãos, tarda a Nova Evangelização.

PAIS E FILHOS

Em inquérito promovido, pela Diocese do Porto , foram indicadas o que mais preocupa as pessoas: juventude e família. Não me vou deter sobre estas matérias, dado não ser o tema desta opinião, agora, e das variáveis sobre consideramos paradigmáticos complexos, do entendimento sobre juventude e família, mas sobre a realidade da iliteracia que pesam sobre actores preponderantes nas famílias, os Pais e os Filhos. É que somos metralhados hoje sobre tantas questões, livros e livros querendo refletir sobre a Verdade e a Fé, que são, pelo menos, um abanão para a Missão que Jesus nos incumbiu: “Ide e ensinai a todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”.

O “ Ide e ensinai” está no momento no trabalho imperativo da nossa Missão, às vezes pensamos que é a “Iniciação Cristã” (Catequese), a fornecedora de todos os condimentos para uma formulação ativa, o que não é! Mandamos as criancinhas às “Catequese”, ou não mandamos, como está a acontecer, e já está: eis a nossa alfabetização! Se não vêm, é porque não existem crianças, existem outras atrações, e mais coisas que poderemos dizer, até para acalmar as nossas consciências.

Uma das interrogações fundamentais está em saber se os Pais são analfabetos ou não, no conhecimento que têm da Vida em Jesus, é que não basta a Fé, é necessário, como nunca o conhecimento, e este aprende-se e vive-se. Ou será que não, serão as criancinhas motoras da alfabetização dos seus Pais? Qualquer comunidade paroquial quando por motivo da catequese das crianças, têm gestos gestos especiais, por exemplo litúrgicos, não colocamos dúvidas sobre a vinda de seus pais, avós e outros familiares, com aquela carinha de sorriso de ver os seus meninos na aprendizagem das coisas de Deus, e de já não é com elas essas “lições”, já foi!

A Igreja cristã, nós todos, haveremos de convir da necessidade, talvez prioritária, da alfabetização dos Pais, dos mais velhos!, porque imbuídos de práticas “esquecedoras” das raízes do conhecimento cristão. Compete-nos ser anunciadores, “Ide e ensinai”, da Boa Nova, nos conhecimentos de hoje, para aqui e agora, numa contínua formação. Continue-se com as “Catequese”, mas equacionemos o que talvez seja prioritário, a intervenção nos adultos, em atitudes ativas do ensino, “ aprender a apreender”, dos textos bíblicos e do tesouro cristão.

Por isso talvez, entre Pais e Filhos, será de dar prioridade aos Pais , e desculpem os Filhos! Assim como desculpem os leitores!

OS INDIGNADOS

E Jesus chegou ao templo de Jerusalém, viu-o transformado num covil de cambistas, pegou no chicote, deitou todas as mesas e expulsou aqueles que haviam transformado a casa de Deus, não num lugar de louvor, mas numa agressão violenta contra toda a Criação, era o epicentro, cujo culto se baseava em valores contrários à humanidade. E Ele indignou-se, porque se violentava a casa de oração.

A nossa grande casa de oração, o templo da humanidade, é toda a Criação, construída, mas que ainda não descobrimos, a principiar pelos cristãos e cristãs. A reconciliação com Deus, com os outros econosco, ainda é uma miragem, desde os “princípios” andamos de costas viradas, e como refere Paulo “ fazemos o mal que não queremos, e não o bem que queremos”. Hoje, por todo o mundo, em inúmeros países, aparecem acampamentos dos “Indignados”, que para além de tudo aquilo que julgamos fazerem mal, são expressões e gritos angustiados, daqueles que repudiam uma sociedade, em que não querem viver. Assumem as mais diversas formas, com casos concretos, mas âmago de todas as circunstâncias, está a substância, de recusarem viver “ nisto”, onde os senhores do dinheiro mandam, e os senhores da guerra determinam as mortes.

A Igreja de Inglaterra (anglicana), tentou nas suas portas travar estes movimentos, não comandados, proibindo, mas com a intervenção do Arcebispo de Cantuária (Primaz da Igreja Comunhão Anglicana), puderam os “Indignados” continuar à porta da Catedral.

Nestes acampamentos, desde a Europa à Ásia, passando pelos Estados Unidos, está a voz, daqueles inconformados pela relatividade de uma sociedade, que escraviza, e faz da Criação, uma casa de troca de câmbios e de ganhos de dinheiro corrente. Aqui nos “Indignados” pulula toda a repulsa pelos deuses fabricados à medida do Homem. São gritos, dos pequeninos, que chamam por todos nós, arquitectos, também, do sistema injusto, que não conduz à Paz, ao convívio fraterno, solidário e vivencial, entre todos. Os problemas colocados, anarquicamente, pelos movimentos não controlados, são de roucas vozes, clamando por uma “terra que mana leite e mel”.

Lembro-me de Jesus no Templo de Jerusalém indignado, e como compreendo todos e todas, que acampam, e sabem bem o que não querem. Possamos, com eles, encontrar os melhores caminhos, enquanto cristãos “ a caminho”, nesta espera pelo Menino, que veio trazer a reconciliação ao mundo, o nosso jejum deverá ser de profunda penitência, por não encontrarmos ainda o Caminho, a Verdade e a Vida, porque quando o fizemos carne da nossa carne, haveremos de alegremente viver, e sermos Jesus incarnado.

Jesus, o Crucificado, está lá bem dentro os “Indignados”, mas vai nascer enquanto pequenino, em todos nós, também para nos indignarmos. Não há Paz, sem Justiça.

UMA MULHER!

E Jesus disse que aquela viúva, tinha dado apenas duas pequenas moedas, tudo o que tinha, enquanto os ricos lançavam muitas moedas, era a que tinha oferecido muito mais ao Tesouro do Templo (Marcos 12,41).

Ao reler esta perícopre refleti, naquela mulher, Perpétua Ruas, que há semanas foi a enterrar, em Vila Nova de Gaia. Sempre a conheci, tinha quatro filhos e um marido que termia as mãos, todos os minutos, e por isso não trabalhava, era doente. Esta mulher, já com mais de noventa anos, deu tudo o que tinha, à sua família pobre, até à avó, que também vivia naquela casa, à rua Diogo Cassels, e que já não existe. Trabalhava todo o dia, provavelmente vinte e quatro horas, porque mesmo a dormir, tinha que pensar no pão do dia a dia. De amanhã quando entrava naquela casa, eram tempos em que as portas estavam sempre abertas, via a avó a aquecer-se num aquecer redondo, de serrim, na cozinha, eu lá ia para a sala chamar o filho mais velho, o Quim, agora o Professor Doutor Gonçalves Guimarães, da Casa do Solar dos Condes de Resende, para irmos brincar e apanharmos pelo chão pedrinhas, que eram a nossa riqueza. A mãe já tinha saído, para trabalhar, naquelas caixinhas de cartão, onde se colocavam as pomadas. Era o seu modo de vida, o que lhe dava, para sustentar a família, incluindo uma das filhas de mobilidade condicionada. Eram tempos difíceis, as ajudas que recebíamos eram os leites em pó enlatados e o queijo, que vinham “lá de fora”, para ajudar a matar a fome.

Foi neste cenário que Perpétua Ruas, subia e descia até Cândido dos Reis, onde ganhava o pão nosso de cada dia, com uma força, dignidade e capacidade, fora do comum. Ela deu de si, tudo o que possuía, moedas magras, mas sabia gerar muito. Aquela casa era de amor, de muito suor, compreensão e simpatia. Quem chegasse tinha lugar à mesa, mesmo com o miserável ordenado. Ela descobriu cedo o Reino de Deus, porque confiava, deu-se à causa de uma família desprotegida, mas de caráter. Seus filhos, netos e bisnetos, bem podem considerar esta mulher, como um prodígio criado “à imagem e semelhança de Deus”. Aí está uma viúva, ficou neste estado passados alguns anos, que no Templo do Senhor, os corpos de seus filhos, colocou as magras moedas que tinha, e do pouco muito fez. A lição mais linda que uma mulher cristã pode dar a todos nós.

Muitos morrem, e são notícia, pelo exercício do seu poder, que até pode ser meritório, mas muitas mais mulheres e homens, são como Perpétua Ruas, que não têm notícias, porque afinal ainda existem pessoas com esta grandeza, e como a viúva do Evangelho lançam tudo o que têm, mas todos vêem os benfeitores, que colocam no Tesouro do Templo, aquilo que não lhes custou a ganhar. Perpétua Ruas deu o todo do seu ser, tem de ser lembrada, mesmo numa crónica humilde como está é. Obrigado Perpétua Ruas, pelo exemplo e coragem! Está já junto do Senhor!

6/3/2012

EIS, OS JOVENS

No passado domingo, na missa da manhã, duas jovens estudantes universitárias, estavam à porta do templo com umas saquinhas, solicitando a generosidade de quem saía. Duas jovens, que não foram correr de manhã na Foz ou passear, nem tiveram os seus justos passatempos de divertimento. Não foram à dança, nem ao inglês, deixaram a família, por um propósito muito nobre: estar juntos dos que sofrem. Para elas, o que estavam a fazer, o seu serviço de voluntariado, é o ser da vida, guiados por espírito cristão e ecuménico. Aí estavam quais pobres, a receber as ofertas de outros pobres, que na sua pobreza, ainda vão encontrando alguma coisa, do que Deus lhes deu, para oferecer a tantos cristos crucificados, que por aí abundam.

“...É quando nos unimos...que os sonhos se concretizam...”, por isso estas jovens, juntamente com mais 170 universitários, encontram tempo para servir, são o Gasporto, com sede na Faculdade de Engenharia do Porto, que por aí vão, quer no Porto, Timor Leste, Moçambique e Cabo Verde, e dão a sua juventude, a sua vida, desde 2002, pela “ construção de um mundo melhor”, focando-se na “ pessoa humana, e no meio em que se insere”. E pedem, pedem voluntários e/ou ajuda financeira, com alegria, para todos os que mais precisam, as crianças desfavorecidas, pessoas com deficiência mental, idosos e famílias isoladas, os sem abrigo, mães adolescentes e tantos outros maltratados por uma sociedade ultaliberal (www.gasporto.pt).

Quando tantos perguntam “ onde estão os jovens?”, repondo “ Ei-los, aqui!”, a rezae com Jesus, porque acreditammm,, como eu, que é possível uma outra humanidade, onde o lobo, dorme com o cordeiro. Não vão “pedir” para elas, estão ali, como quem reza, reza com o mundo, e no mundo, apara que o Amor de Jesus frutifique e seja semente de pessoas felizes, alegres fazedoras da Paz.

Impressiona o acreditar destas jovens, a acutilância que fazem da sua vida, pelos outros, mas também por si, porque ninguém poderá ser feliz, enquanto existir uma pessoa infeliz. Eis, os jovens, no seu poderio de sinceridade, de indignação por uma humanidade adversa, a dar-se aos outros com a verdade dos loucos e a sabedoria dos simples. A sua vida, para além dos estudos, é programada para o serviço, e sentem-se bem, dormem descansadas porque bem sabem que o seu Jesus lhes acalenta o ser, a vida e o querer. Precisamos muito de jovens e menos jovens indignados, e que digam Basta!, basta de reduzir as pessoas a coisas, a deficits.

Eis, os jovens!

20/3/2012

A RECONCILIAÇÃO

A reconciliação com Deus, é uma acto de fé, porque consiste em acreditar que podemos, depois dos erros que cometemos, ainda sermos homens e mulheres, à imagem e semelhança do Criador. Se é verdade que “ a fá se fortalece dando-a”, como comunicação da nossa experiência, da vivência do evangelho, torna-se claro que esta “ experiência de fé”, torna-nos reconciliados com a Criação, os outros (tu), e o “eu”, que é cada um de nós.

Se a reconciliação é uma forma diária de conversão, de punirmos o que está errado no nosso interior, é também uma forma de correção, mesmo que nos traga sofrimento, porque só quem ama, sofre. Em cada um dos nossos corações existe Amor, que está entranhado até na razão do nosso viver, e que por tal no sofrer. Por isso a Reconciliação, é uma Libertação, do mais profundo do nosso interior. O não Amor, é o pecado, “original?”, o não amarmos significa a indiferença e a recusa de sermos um todo, nas mãos do Amor: “Ama e faz o que quiseres”, refere Santo Agostinho, de Hipona. A exigência do não Amor, da recusa da relação com a Criação, com os outros e connosco, na prática dos atos, é o não Viver, e mesmo que se diga que vivemos, se o fazemos com o solipismo castrador, mentimos, enganamos o nosso SER ontológico.

Na época quaresmal a Igreja chama à conversão, à reconciliação, à disposição de uma abertura renovadora, dos erros e malefícios cometidos, como o caso da indiferença. E nesta quaresma de 2012, em Portugal, onde uma crise se esquece da dignidade dos homens e das mulheres e da criação, quantos dedos apontados a nós, pela omissão ou a inação? Não estamos livres de termos contribuído para a construção de um não caminhar, numa nova ética e sustentabilidade cósmica. Se, porventura, durante cada dia do ano nisso não pensamos, paremos e dignifiquemos o nosso Ser, penitenciando-nos pelos abandonos pecaminosos que fazemos diariamente.

A nossa vocação, libertadora, é reconhecermos as incapacidades dos nossos trajetos, e partilhar o que temos, levar Jesus que dá sentido à vida a ser presente na humanidade. A libertação faz-se com esta penitência, do saber escutar-nos, e escutar de forma ativa os outros, e ser possuidores do perdão, que é uma interiorização das nossas falhas. E quando nos abeirmos desta reconciliação, por uma confissão interna, talvez primeira, e externa, recebemos sempre a coragem de nos reconciliarmos, porque Jesus não o nega, perdoa sempre, em ato expresso, é porque não nos vamos abster de ser interventivos e criadores, à nossa medida, do bem comum.

A Quaresma aqui está, a reconciliação, també, com a libertadora Ressurreição, de quem nos dá Vida!

A PARTILHA

E Jesus depois de anunciar a palavra a uma grande multidão, tinha um grande problema em mãos, económico, as mulheres, os homens e as crianças, estavam com fome. Os discípulos, sem dinheiro, viram-se aflitos e foram ter com Ele. Então, esteve para ali a falar, que arranjasse um empréstimo, e eles iriam arranjar o pão necessário para alimentar tantas bocas. É que Jesus tinha partilhado o alimento espiritual, mas esse aos olhos deles, não dava de comer, que iriam fazer? Afinal para que serviriam as palavras no sentido de vencer aquela “crise”. Jesus ordenou “dai-lhes vós de comer”, mas como?, repetiram eles, estavam a viver debaixo de um poder estrangeiro, que via, sempre, nas palavras daquele filho do carpinteiro a possibilidade de uma insurreição política, que tantos ansiavam, até aqueles que o seguiam.

Jesus tinha realizado um discurso entusiasmante para o povo sedente, certamente muitos deles já estariam preparados para uma guerra comandada por aquele general, mas agora é que era de vê-los, com fome. O que teriam pensado aqueles mais chegados a Jesus, com a situação muito difícil, que se estava a viver, era realmente uma autêntica crise, que ninguém sabia como resolver. O “comício” tinha sido ótimo, a mobilização maior do que pensavam, mas e agora? Só um ministro das finanças forte, olhando para os números e não para as pessoas, poderia resolver!

O que aconteceu: do povo saiu a própria resolução da questão, existia uma pessoa com poucos pães e peixes. E Jesus servindo-se de toda a violência das palavras da alimentação espiritual, tornou-os no alimento para todos, comeram e sobrou.

O que enfrentamos, como cristãos, nesta crise aguda económica, é análogo, a libertação espiritual, a nossa convicção e ação, reparemos que Jesus agiu, são de quase indiferença a tudo o que se passa. Entendemos, como então, que a causa é política, quando é profundamente humana, são os valores e a ética humanas que estão em questão. Até poderíamos ter Igrejas repletas, que sem a dimensão espiritual, a nossa entrega total ao Espírito do Senhor, nada resolveremos. E nós, cristãs e cristãos deste nosso país, ainda conseguimos a proeza de afastar tantos do nosso seio, porque ainda não compreendemos a espiritualidade da nossa urgente ação.

Quase em semana santa, saberemos que a libertação em Jesus é a total libertação? As “crises”, de então e de agora, tem a génese na fé e nos nossos atos. “Dai-lhes vós de comer”, respondeu Jesus, significa, hoje, a responsabilidade que temos, numa atuação decisiva, que é, principalmente espiritual, o resto teremos logo a seguir!

15/5/2012

HUMANIDADE E CRISE

Não nos surpreenderam as palavras de D. António Marto, ao alertar, em 12 de Maio, que a “Humanidade não está ao serviço dos mercados financeiros, mas que são estes que devem estar ao serviço das pessoas”, fazendo-nos compreender o cântico Magnificat, no tempo atual. O bispo de Leiria- Fátima é um cristão de coragem, assim nos habituou, nas aulas da “ Católica”, e com estilo de desassombro e clareza.

No momento em que “ Humanidade” parece jogar com “ crise- mercados-euros”, a Igreja vem afirmar que isso é mentira, coloca-se indelével ao lado dos homens e mulheres, por isso repete: “ Derrubou os poderosos de seus tronos/ exaltou os humildes./Aos famintos encheu de bens/ e aos ricos despediu de mãos vazias”. É a ciência económica ao serviço da humanidade, e não o seu contrário. Um dos sinais desta nossa sociedade portuguesa que mais “ corta o coração”, é sabermos, todos os dias, que morrem pessoas de idade, sós, quando trabalharam uma vida e sofreram as suas agruras. Já se discute se vale a pena ou não, prolongar a longevidade, de vida, e isto ditado por primados económicos, porque a segurança social, pode não ser “ sustentável”! Paradoxo hipócrita, dos “corajosos políticos”, que tomam sustentabilidade por mercados financeiros. Isto não é coragem, mas o paradigma da morte, sem ressurreição.

Sós, é verdade não são só as pessoas consideradas de idade avançada, mas todos os que uma sociedade que sustenta e tem por foco as grandes metrópoles financeiras, as bolsas, coloca este título de SÓS, e não é mentira, porque elas estão mesmo sós e sem qualquer afetividade, julgadas por um ocaso, que levará a Criação à fragilidade da vida. Maria de Nazré ao cantar, aquele poema, vem demonstrar-nos com certeza vital, que não é assim, nem assim vai ser, porque nas nossas mãos se encontra a irreparável dignidade de filhos de Deus. A grande maioria dos bispos não têm ficado calados, intervêm na evidência da certeza atuante do Deus da história, bem lá dentro e que não deixará nunca os seus filhos e filhas.

Se morrem pessoas sós, e ficam dias até as encontrarem, é um pecado das comunidades cristãs, porque não basta o bispo afirmar, é necesssária a atuação de cada comunidade organizada, para que “ os famintos se encham de bens”. Já pensamos pedir contas às comunidades cristãs, mas com os seus presbíteros e, agora os seus diáconos? São eles, e estes em especial, os mais pecadores pelas situações vividas, nas sua omissões e desastrada comunicação. Não tenhamos medo da ação, a inação é crime, e só a penitência não chega. Cristãos que somos, cegos para um mundo enlameado, porque temos medo de sujar as mãos. O Ano da Fé, irá despertar em nós, a necessidade urgente de sair para a rua, o caminho da ressurreição? Pensa na tua paróquia, na tua comunidade, e responde!

19/2/2013

PENSAMENTO DA QUARESMA

Há muitos anos que leio a “Audácia”, revista para jovens e, também, para mim. Esta revista, missionária, com data de fevereiro, dá a conhecer um número que nos faz a todos pensar, nesta época de Quaresma. Vamos ler: “Em Portugal, em média, cada pessoa deita para o lixo 97 quilos de comida por ano, o que dá um milhão de toneladas de alimentos em todo o país. É demais!”. E mais adiante “O Banco Alimentar recuperou 31 mil toneladas de produtos que teriam como destino a destruição, dos quais seis mil toneladas de fruta”. Estes “audaciosos” colocam, neste período litúrgico, uma questão do quotidiano, mas que deverá servir para todos nós, os cristãos e as cristãs, em particular, sobre como tratamos da “nossa vida”. E vem mesmo a calhar num país, como o nosso, de mil e mil milhões de euros, a ouvir todos os dias, quase como marteladas nos nossos ouvidos, o que está ao nosso alcance para não desperdiçar aquilo que Deus nos deu.

O menino ou a menina não quer, não come, o senhor ou a senhora não gostam, não comem, sobra: “mais vale sobrar, que faltar”. Nem com os frigoríficos temos consciência da necessidade de sermos afáveis para connosco, porque se trata de nós! E falemos só no nosso país, quantas pessoas passam fome, têm de ser socorridas, e nós desbaratamos. É pecado, e este não é expiado no “julgamento final”, mas no nosso mundo, lugar, na casa. Quem maltrata os bens que o Senhor colocou à sua disposição, coloca mais um prego no corpo de Cristo, na cruz. Ora essa, dirão muitos, comprei, trabalhei, “tenho” e não posso fazer o que quiser? Os que têm fome? São os malandros, não querem trabalhar, olhe que durmam por aí, afinal aguentam, como os outros! Sempre fui educado, pelos meus pais, a que a comida ou se come agora, ou, então, mais logo e o pãozinho que cai ao chão, pega-se nele, dá-se um beijinho, e vem à boca novamente. Deixem-me sublinhar que cada um de nós deita ao lixo, 97 quilos de comida, por ano!

Aqui está um “jejum agradável a Deus”, que nesta quaresma, onde nos preocupamos em “comer carne ou não, à sexta-feira” e outras afins, meditemos neste número, para conseguir que os milhões de toneladas de “pão”, do Pão do Pai, não mais se deitem ao lixo. É criminoso quem o faz, é um pecado grave e merece uma severa penitência. Não, não, ninguém fica de fora da realidade, quer porque o faz, quer pela omissão da denúncia do mal que fazemos ao nosso mundo habitado. E quem não denunciar, em qualquer lugar, é conivente com este atentado à dignidade humana.

Pensou nisto? Não, está na hora de pensar, mas não leve muito tempo!

SINAIS DOS TEMPOS

“No nosso tempo, para a Igreja, vejo principalmente três tempos de diálogo, onde ela deve estar presente lutando pelo Homem e pelo que significa ser pessoa humana: o diálogo com os Estados, o diálogo com a sociedade – aqui está incluído o diálogo com as culturas e com a ciência – e, finalmente, o diálogo com as religiões.” – Bento XVI (discurso aos membros da Cúria Romana, citado pela da Revista Além Mar, fevereiro de 2013).

Angelo Roncalli, escrevia no seu Diário Intimo, em 1903, era então subdiácono, aquando da visita de Eduardo VII (anglicano) a Roma: “É sinal dos tempos que, após noite de borrasca, ... um rei herético tenha ido apresentar pessoalmente as suas homenagens ao pobre papa velhinho [Leão XIII], prisioneiro em sua própria casa” (citações em apontamentos do Padre Arlindo de Magalhães), e depois de ter sido eleito Papa, João XXIII, em 1963, na encíclica *Pacem in Terris*, termina todos os capítulos com a expressão “Sinais dos Tempos”, passando a ser uma expressão usada, insistentemente, no Concílio Vaticano II, atravessando, hoje, todas as religiões. E “Sinais dos Tempos” dizia o teólogo Chénu, que eram “fenómenos que, pela sua significação e frequência, caracterizam uma época, e através dos quais se expressam as necessidades e aspirações da humanidade presente”.

A resignação do Papa Bento XVI, e não demissão, e as causas que o levaram a isso, são, também, sinais dos tempos, não pela frequência, mas pela atitude digna, intelectualmente brilhante e corajosa com que o fez. Muito se especula porque o fez, sendo certo que olhando para ele descobrimos, de facto, que a força física não estará muito bem, e para levar a cabo todo o aggiornamento da Igreja, e em especial da Cúria Romana, é necessário uma pujança que já não tinha, poderá até ser muito bom para a Igreja pois, como creio, intelectualmente está forte e pode atuar, sob a inspiração do Espírito do Senhor, na Igreja, abrindo horizontes novos à Fé e à Nova Evangelização, porque lutou.

Gostaria, porém, que nesta altura entendêssemos como sinais dos tempos a frase com que inicio esta crónica sobre o diálogo: nunca como nestes tempos, amordaçados pelas economias globalizantes e aterradoras, foi necessário aquele triplo diálogo, diálogo com os estados, povos e religiões. Diria mesmo, como Hans Küng, ser necessário uma nova ética mundial, a começar pelo diálogo, como línguas de fogo do Pentecostes, entre os cristãos e com todas as religiões do mundo. Sinais dos tempos!

GRATIDÃO

“Mensagem que, antes de ser doutrina formalizada, é a vida historicamente (con) vivida, de Jesus de Nazaré e dos seus contemporâneos, com algumas atitudes fundamentais: a sua aproximação aos outros, reabilitando-os de corpo e espírito (dignidade da pessoa humana); a oferta global, para que cada um se realize (bem comum); a indispensável contribuição particular, para atingir o universal (subsidiariedade); a vinculação do bem próprio ao bem alheio (solidariedade). Entre nós, as alusões explícitas ou implícitas a trechos evangélicos com implicação social e solidária aparece espontaneamente, além da confessionalidade estrita.” – escreve o Bispo do Porto, no seu livro publicado recentemente, “O tempo pede uma Nova Evangelização”.

São quatro palavras que estiveram bem presentes no seu episcopado na nossa Diocese: dignidade da pessoa humana, bem comum, subsidiariedade e solidariedade, três grandes palavras que fez ação. Ouvimos muitos afirmarem que D. Manuel Clemente, é um homem de cultura, de consensos, de estabelecer pontes com a cultura e a política, de cidadão, mas ele é muito mais que isso, move-se e dá-se à vida, porque é um Homem de Deus, e esta faceta é a principal, só por isso se deixa em cada dia moldar à vontade de Jesus. Não o senti “formatado” para “formatar” a diocese, antes deixa-se “moldar” à “imagem e semelhança” de Deus, e não tem querer, ou se o tem, é um só: a vontade de servir o seu Senhor. O que convivi com ele, pouco, para o necessário, deu-me essa certeza, que nas suas ações ou inações, decisões ou indecisões, foi o bispo que trouxe o sorriso ao Porto. Diz que aprendeu connosco, com este povo vivo do norte, com as mulheres e homens que trabalham, aprendeu com esta “Invicta e Leal”, cidade do Porto, do Ave ao Marão, nós também muito mais aprendemos e aprenderíamos, se não fosse chamado a um outro trabalho, tão digno como ser nosso Bispo.

A sua “passagem” pelo Porto ficará marcada por um forte impulso dado aos cristãos e a todos aqueles que vivem neste território de Portugal. D. Manuel Clemente estabeleceu laços com todos os quadrantes científicos e culturais, que são o ecumenismo em ação. Por tudo isto, não lhe podemos dizer obrigado, mas é com GRATIDÃO, muito sentida, que lhe desejamos a continuação do seu caminhar caminhando. Com alegria e tristeza, não poderei, certamente em nome de todos os diáconos permanentes, que tanto acarinha, às vezes contra “ventos e mares”, que estamos GRATOS pelo seu trabalho. Trata-se de GRATIDÃO!

SER MÃE!

Há quantos anos venho a pensar que não existem homens maus e mulheres más, e existe uma razão para isso: são filhos de alguém que os trouxe no ventre, que são as mães. Por muito que o seu filho seja um assassino, tresloucado ou maldito, para a mãe, é sempre o seu “menino”, aquele que é seu sangue, não que o pai esteja de “fora”, mas não tem o significado da mãe. Há muitas mães que não trouxeram no seu ventre o filho, mas sempre o conservaram no mais profundo dos seus corações, são os filhos com duas mães: quem gerou, quem adotou, porque o casal que adota um filho, porque por algum motivo não conseguiu gerar, também são os pais que amam com uma força inaudita, aqueles que não tinham e são seus. Quando olho para qualquer pessoa vejo sempre nos seus olhos a bondade da sua mãe, aquela que dava a sua vida por aquele que criou, no ventre e/ou na vida. Por isso mentalmente, penso, não podem existir pessoas más, porque são filhos de uma mulher, que é a sua mãe.

Acabamos o mês de maio, mês das mães, e também da mãe de Jesus, que gerou no seu ventre. Maria quando soube que estava grávida cantou ao Senhor da sua vida, um magnífico poema, só digno de uma mãe. Isto porque concebeu que aquele Filho viria para inaugurar uma nova terra. Podia ser condenado como criminoso, como foi, condenado à morte e executado, e foi, a quem o poder político e religioso não suportou, muito menos o económico, porque Ele concebe a vida com a Beleza de Deus. Maria, aquela que guardava todas as coisas que seu Filho dizia, no coração, não teve medo e foi até ao lugar da execução com seu Filho, de lá não saiu, nem temeu os poderios das polícias armadas, viveu com seu Filho, e deu a vida de Jesus a todos nós. Era mãe e sabia que seu Filho, acusado de agitador do povo, era aquele que morria por quem o condenou e matou.

Maria depois de agradecer a Deus a escolha, “a minha alma glorifica o Senhor”, parece adivinhar que seu Filho será aquele que “manifestou o poder do seu braço/ e dispersou os soberbos./Derrubou os poderosos de seus tronos/e exaltou os humildes./Aos famintos encheu de bens/ e aos ricos despediu de mãos vazias.” Ela dá o seu Filho, pelo poder do Espírito Santo, ao mundo e não o guarda para si. É mãe, mas dá-se com todas as suas forças como servidora. As mães são assim, também, guardam tudo no coração e dão ao mundo os seus filhos, por isso, enquanto existirem mães, os olhos delas podem ser de lágrimas, mas são pétalas floridas no olhar de uma criança.

CRISTÃOS SEM IGREJA?

Não colocámos dúvidas, há muitos e muitos cristãos, sem igreja. Talvez seja necessária a descodificação, existem muitos cristãos, que o são, mas dizem: “...eu cá tenho a minha fé...”, “...acredito em Deus, mas nos padres não...”, e muitas outras expressões, clássicas, que sabemos e ouvimos e lemos, mas não trabalhamos para alterar a situação. Segundo o nosso Francisco – que tarda a chegar a Portugal – não existem cristãos sem igreja. E tem razão, também muitos estudos que se fizeram foram nesse sentido, só há cristãos em igreja/comunidade. E mesmo já Jesus o dizia: “...onde estiveram dois ou três reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles...”. Não é uma descoberta! Jesus nunca se referiu a um, “...eles iam dois a dois e anunciavam o evangelho...”. Ninguém tem uma fé sozinho e dele, ninguém acredita em Deus, só, pelo menos acredita mais em um Outro. Ninguém tem uma comunidade sozinho, pelo menos precisa de um outro. Por isso os cristãos possuem uma comunidade, onde estão inseridos, na sua ambiência política, social e cultural. Eles são história e constroem, também, a história. Querer que um cristão não possua a sua comunidade, que é designada por “particular”, por mais cargos para que seja nomeado, é partir a “espinha dorsal”, cortar a comunhão com os outros irmãos e irmãs.

Mas a questão vai mais longe, são o que genericamente se designa por “padres”, nesses é que o povo tem dificuldades em acreditar. É evidente que esses “padres” não têm qualquer culpa do pecado original originado, aqueles que outros “padres” cometeram e que são história, mas eles também são os fazedores do pecado original originante, que será originado para outros que venham a seguir. Ora aqui reside a questão: cristãs e cristãos dizem-se sem igreja porque refutam as práticas numa maçadora estrutura de “cúria”, que existe naqueles que dão “a cara” na igreja, o clero: bispos, presbíteros e diáconos. Torna-se interessante a questão de se referirem como os “padres” e nunca a estes três grupos de “servos dos servos”.

Estas coisas dão que pensar, e mais depressa agir, para que o povo, aquele que sustenta tudo com o seu trabalho, acredite que só em comunidade se produzirá frutos. Temos pensado muito, até na possibilidade de existir uma “Unidade de Crédito Escolar”, nos seminários que seja de “Teologia da Construção Civil e Restauro”, porque não terão os cristãos razão quando dizem que na “estrutura eclesial” não acreditam, não seremos nós uns mandões, fazendo a nossa vontade, que pode não ser a de Jesus, que até, tantas vezes somos Construtores Cívicos, quando tantos leigos sabem, bem melhor!, disso, só para citar um exemplo? Talvez não tenhamos razão!

RESSURREIÇÃO

As mulheres, mais uma vez as mulheres primeiro, foram ao sepulcro e encontraram-no vazio. Elas tinham fé e esperança no Senhor das suas vidas, ficaram aflitas porque não encontraram Jesus, o morto. Mas um anjo apareceu-lhes e informou que esse, o morto de quinta-feira, tinha ressuscitado e estava vivo, libertando assim todos para a felicidade e amor. Esta história é contada nos evangelhos e tem sido discutida largamente sobre a verdade ou não de tal acontecimento, uma vez que até o evangelho de Marcos disse não falava e foi-lhe acrescentado a cena. Paulo de Tarso, o inimigo dos cristãos da época, viria a ressurgir para uma nova vida anunciando que se “Cristo não ressuscitou, então é vã a nossa fé”. Fala verdade porque nós sentimos o Jesus Ressurrecto na nossa vida, o seu olhar, cheiro, a palavra que lhe saiu da boca, o amor pela humanidade; quando o sentimos no nosso coração somos como as mulheres que foram ao sepulcro e acreditamos, com fé e esperança. Estas coisas sentem-se e vivem-se, quando o escutamos no silêncio dos nossos quartos ou na humanidade. A evidência da ressurreição é palpável por isso mesmo, é um vento que sentimos no âmago intrínseco do nosso ser, conduz a nossa vida na alegria de filhos de Deus. Bendito seja Deus, que nos faz ver aquilo, que outros não vêem. Devemos testemunhar este facto com o Amor de Jesus.

Não se trata da ressurreição de um cadáver, mas Vida plena de liberdade. Os olhos e o coração do que vemos, e que parece não ser pela razão explicável, por ora, trata-se da vivência de quem crê, porque se oferecem ao mundo, aos outros. A ressurreição de Jesus é explicável pela razão do sentir, sentir-se amado, por alguém que toma como templo o nosso corpo. Isso é vivido pela ressurreição holística de todo o ser, de nós próprios. Não ter medo de sentir as carícias do Senhor é ressuscitar no quotidiano das nossas vidas. Ele ressuscitou e nós, com Ele, sempre que nos dispomos a servirmos, onde ele está: na humanidade, história e em cada mulher e homem. Viver a ressurreição é sentirmo-nos livres e servos, caminharmos ao lado de Jesus, e senti-lo ao nosso lado, nas tristezas e alegrias.

A ressurreição acontece quando cada ser humano se liberta do pecado do mundo, tem casa para habitar, dignidade, alimentação e é fazedor da paz. Estar com Jesus é não omitir a ação, mas fazê-la habitar entre nós. Sabemos que ressuscitamos quando amamos a humanidade, e nela, cada ser e a criação.

NEM OS TRAPÓS SÃO VELHOS

Para aqueles em que a idade é mais avançada costuma esta sociedade atual referir-se aos “velhos”, aliás até as pensões são de “velhice”. E estes, os velhos, são os descartáveis, quanto mais cedo morrerem, menos custam ao erário público. É esta a grande invenção dos poderes públicos, como se a experiência da vida não contasse para nada. Quando na gíria popular se referem aos “velhos”, costuma-se responder que “velhos são os trapos”, a verdade, porém, é que nem os trapos são velhos. Podem ser resíduos, os trapos, mas estes são sempre recicláveis, tomam outra forma, são apetecíveis para que o nosso planeta não se torne um esgoto. Dos trapos saem novidades em flor, a mocidade em festa, como um cheiro de manjerico, já que estamos nos santos populares; os trapos são sempre um manancial de virtudes, porque conferem ao pano novo um vigor de história, do passado e do futuro e presente. Se não existisse passado não tinha sentido falarmos em presente e futuro. Pedra a pedra todos derivamos de sermos ENTES existenciais, com todas as qualidades intrínsecas e extrínsecas, daqueles que não são “velhos” ou dos bebês que nasceram há segundos. O ciclo de vida é uma constante, tudo passa por esse ciclo, que é imortal.

O Papa Francisco na sua linguagem, que todos entendem, na imortalidade da sua humildade de servo de Deus, em entrevista recente, referiu: “Há uma cultura de descarte. Descartam-se as crianças, com as baixas dos índices de natalidade. Basta olhar para a taxa de natalidade que existe na Europa. Nenhum povo sobrevive com essas taxas de natalidade. Descartam-se os idosos. Não servem, não produzem, é uma classe passiva e ao descartarem-se os idosos, descarta-se o futuro de um povo”. Esta histórica entrevista, um baluarte da sua própria identificação com o normal das cristãs e dos cristãos, refere esta “cultura do descarte”, numa bela alusão ao arco iris, que vai das crianças, aos que são também crianças, não na idade, mas neste “nada produzir”.

É uma vida sem futuro deste nosso planeta azul, se os reis imperiais, dos poderes, entroncarem as crianças e os idosos, na faixa não produtiva. Suicídio de um povo! As crianças produzem e os idosos também, a menos de ocas inteligências, que os vê improdutivos e, logo, descartáveis, mas - as inteligências ocas - só podem adorar a idolatria do dinheiro e ter no centro da sua vida, nem “os trapos” porque esses servem para alguma coisa, a leviandade inconsciente duma sociedade que a nada se assemelha.

26/11/2014

E AS MULHERES, SENHORES?

Convocado um sínodo extraordinário da Igreja, sobre a família, os bispos estiveram reunidos para analisar o tema. Antes, porém, e numa decisão surpreendente Francisco, papa, quis ouvir o povo cristão. Existiram muitos debates e um sem número de opiniões, não tantas como as desejáveis, já que na “Família das Famílias”, as comunidades paroquiais, nem todas emitiram opinião – e diga-se, em abono da verdade, também muito clero, subtraiu a questão -, mas um grande passo foi dado. Soubemos as interrogações dos conselheiros sinodais, não podemos agora ser afastados da reflexão. Num jornal diário da cidade do Porto, um bem conceituado jornalista colocava esta interrogação, com muito mérito diga-se. É muito importante que os bispos, presbíteros e diáconos – o clero, do qual faço parte -, acordem vivamente de quaisquer sonos escorregadios e saiba interpretar com ousadia a chamada da sociedade. Tantos problemas existem. Uma letargia se faz sentir ao som de quais laudes cantadas sem ninguém saber. Não é uma questão da autoridade, mas de partilha, de companhia, de empatia, sim disso da igreja ser um veículo anunciador da morte e ressurreição de Jesus, Senhor Nosso. E aqueles a quem chamamos leigos, o sacerdócio comum dos fiéis, esses serão, o Espírito ditará!, a força, a ventania que decepa as incompreensões de quem tem os poderes, deles não querem sair, mas Francisco, o papa, dá exemplos da sua finitude e da sua capacidade de dotar a Igreja de humildade e profecia.

Neste Advento haveremos de ver o menino Jesus a aparecer com a sua luminosidade no rosto destes fiéis e, em especial, naquelas mulheres fustigadas como “não-iguais”, ao arrepio das decisões do Concílio Vaticano II, e não serem possuidoras do serviço em toda a latitude. Tenho pensado e dito, agora escrevo, se Deus tivesse rosto ele seria predominantemente feminino, pela bravura, coragem, determinação, emanação, com que têm atravessado estes tempos da igreja, “caladas”. Precisamos deste feminino conceito de igreja para lhes darem as cores das lideranças, lembrando as mulheres sentadas ao pé da cruz, e sem medo!

Deus gera a criação. Das mulheres saem os filhos e filhas de Deus, sem elas não existiriam, com a colaboração dos homens, isso é verdade, não só “colaboração”, mas intrinsecamente unidos no amor. Nestas questões, da Família, ou da Família das Famílias – a igreja -, sairão flores se a “masculinidade” não for entendida como uma força de abafamento das vozes das mulheres. Santa Teresa de Ávila, viu muitos dos seus escritos fumegando nas fogueiras da inquisição. E as mulheres, Senhores, não as deixeis num quadro colorido de observação, porque elas são família, sabem bem sê-lo e possuem o carinho do rosto de Deus. Senhores dos poderes não tendes de consentir, mas “deixá-las” florir. Homens e mulheres, trabalhando juntos, sem domínio patriarcal, eis o que se pede, para sabermos bem o que é a família, que sem uma intervenção [delas] muito ativa, não iremos lá.

E, AS FAMÍLIAS?

A história é como uma mola – não de roupa, porque aperta -, mas mecânica: uma espiral que “vai subindo”, às vezes parece-nos que a espiral de cima é, exatamente igual ao ponto cinético da espiral de baixo; mas não é, estamos um pouco mais acima, só que não percebemos isso, e marginalizamos o sustento da nosso caminhar, não andando. Procuramos regressar a um passado que não volta mais, mas enriquece o hoje, porque este é a cada dia o presente; futuro só na verbalização gramatical para nos oferecer as condições frásicas e sintáticas de que necessitamos para sentir que “haverá um há”, que será sempre nessa altura concreta, um “há”. A nossa belíssima língua tem estes condimentos, como na morfologia da palavra “mola” e que só se entenderá no contexto sintático do termo, no “frásico”. A mola que todos conhecemos para apertar a roupa, quando esta seca, é isso mesmo: “aperta”, isto é, “seca”, retira a titularidade do conhecimento e da virtualidade do bem comum. Mas, por outro lado, a mola mecânica, a que conhecemos dos automóveis, por exemplo, não expande, faz agarrar-nos a um “hoje”, um “futuro”, que é sempre hoje; com o peso do veículo espreme, mas logo expande, vai a um passado para um “hoje-histórico”, num tempo e espaço, de onde partimos para outro “hoje” o “futuro-do-hoje”.

A família, mercê da capacidade de entendimento histórico de um bom bispo de Roma, Francisco, vem sendo analisada, melhor, vem, nesta Igreja de Jesus, sido compreendida, como dinâmica da ética social e pessoal, não querendo reverter para um passado, aproveitando a “deixa” da compreensão do que se vive, isto, creio, estar no pensamento de Francisco. Todas, porém, estas “molas”, bem lubrificadas, podem iludir quem analisa que prefere entender a família não no patamar de cima, mas na conquista dum regresso inquisitorial – neste tempo-, a um passado, que só poderá ser um passado, nunca a sistematização de uma moral que entende a existência de um “tu” em consequência de um “eu”, com toda a dinamizadora força aerodinâmica dos “tus” e dos “eus”, em harmoniosa confluência para um mar comum. A pessoa é a pessoa, à “imagem e semelhança de Deus” e não a errática presunção dum “recurso”.

Por isso, creio, trata-se, no momento, de religar o conhecimento, uma procura constante da Verdade no entendimento pleno das respostas às chamadas crises familiares. É com alguma tristeza que sinto um arrependimento, não de Francisco, bispo de Roma, mas de todos nós ao consentirmos não falar na linguagem das mulheres e dos homens de hoje e continuando a teorizar, às vezes nem sabendo o quê. São necessários e urgentes, como Sua Santidade pretende, creio, estarmos lesto no caminho do Senhor, que não são mais, nem menos, que “nós” e os “outros”. O Amor e a Caridade a comandar as leis e nunca as leis a comandar o Amor e a Caridade; temo que estejamos a querer seguir por este segundo diapasão.

11/2/2015

SALVAR VIDAS

Nesta semana em que a Igreja comemora o dia do doente, 11 de fevereiro, temos de ser firmes e dizer ao Sr. Primeiro-ministro um grande NÃO!, à sua frase: "Deve-se fazer tudo para salvar vidas, mas não custe o que custar". Certamente o Sr. Primeiro-ministro não vai ler esta crônica assoberbado que está com os problemas da sua gestão, mas, e sem querer fazer política balofa ou até partidária, tenho de como cristão dizer-lhe que não concordo com a abjeta forma de encarar os doentes e as doenças.

Qualquer doente tem direito à vida, com dignidade, e não serão os custos, a suportar por todos nós, que alguma vez serão obstáculo à vida, para mim, sagrada, porque é imagem e semelhança de Deus; a bombástica forma do Dr. Passos Coelho de se referir ao “salvar vidas” só pode ser proferida por alguém que naquela altura teve a infelicidade de a dizer, por isso não lhe ficava mal se, mais uma vez, pedisse desculpa ao nosso povo. A economia, os custos e os gastos, não estão à frente da vida humana, e quando assim é, então pobre sociedade que cada vez mais necessita de valores e de uma Boa Nova.

Os velhos, os tísicos, os tuberculosos, os coxos, os cegos, e todas as outras doenças ou situações, necessitam de cura, de vida; assim fez Jesus que até ressuscitou Lázaro, comovendo-se, até às lágrimas, custasse o que custasse. Bem, há muitos que são surdos e mudos e não sabem que o são, a estes é mais difícil de curar, mas Jesus abre os braços a todos, mesmo a estes, que precisam de cura e que muito custa em dinheiro e paciência, no sentido de verem e ouvirem as “sarças ardentes”, onde Jesus está. Às vezes pergunta-se onde está Deus quando há uma catástrofe ou quando um doente precisa de um medicamento e não possui meios, Ele está a ser crucificado na carne desse doente, dessa catástrofe, bem no meio da história.

O Sr. Primeiro-ministro não percebeu ainda isto, não percebeu que é nos mais marginalizados e doentes, sem dinheiro para adquirir medicamentos, que está o Deus da Vida a ser, também, maltratado. As portuguesas e os portugueses não mereciam as suas palavras, por isso o nosso vibrante NÃO! E se quiser saber, também está nele, batendo à porta, que resiste em abrir-se por insensibilidade musculada do poder; até pode ter o Poder, mas não possui, naquelas palavras, a Autoridade do Serviço, e política é o servir. Vá ao terreno, ninguém lhe fará mal, e veja, veja com os olhos abertos e ouça, e se quiser e tiver tempo, as conferências vicentinas conhecem bem, cada casa, cada pessoa, cada problema. Venha, elas acompanham-no, talvez nunca mais profira aquelas palavras que ferem o povo, sem nome, sem voz

ONDE ESTÁ DEUS?

Os sacrários encontram Jesus Vivo, Ele é o Filho de Deus. Deus está aí, nos sacrários. O melhor dos sacrários são os homens e as mulheres, que possuem dentro de si o Jesus Vivo, a bater constantemente nos corações de cada um e de cada uma. Não estou a referir-me aos sacrários dos templos, aí está o pão vivo, aí podemos ver Jesus e falar com ele, intimamente e na fé de ouvirmos as suas palavras, no silêncio de nós mesmos. É, que Deus fala, através dos silêncios que se tornam ouvidos à escuta, desde que estes estejam ativos. A escuta ativa surge nos momentos de maior silêncio, em que as nossas vidas são colocadas perante a Criação e o Criador. Numa contínua sucessão de parceiros de Deus, como cocriadores, codescobridores do Reino, onde não existe abjuração, mas autenticidade, mentira abolida, porque nem sequer a própria palavra se pronuncia. A Criação não começou, nem acaba, ela é uma continuada dádiva aos seres vivos, aos seres humanos. Não há princípio nem fim, nós é que produzimos estas grandezas físicas – do tempo e do espaço -, para nos entendermos, de resto “há, simplesmente”.

Mas esta escuta ativa será um simulacro, bem mal-arranjado, se não descobrimos o sacrário que cada mulher e cada homem são. Cada um de nós possui o Espírito do Senhor, por isso é vida e reino, aí está Jesus Cristo. Dentro de cada um. Às vezes não descobrimos Deus no centro da vida de cada ser, mas ele aí está. Onde estava Deus no recente terramoto no Nepal? Bem dentro de cada criança, homem ou mulher, com o sofrimento e as lágrimas de cada um deles. Um sacrário dentro do sofrimento de cada uma e um. “Tive fome e desteme de comer”, quando meu Deus, eu te encontrei com fome? Olha, em cada ser que tem fome da palavra e de pão, aí estava eu, como dentro de ti e ouvistes-me. “Tive fome e não me destes de comer”, onde Senhor, eu te encontrei com fome? Olha, sempre que recusastes aos famintos o pão que até te caía da mesa, aí estava eu, e também dentro de ti, mas não me ouvistes a bater, no teu coração.

O Nepal é preocupante, devemos acudir imediatamente, mas temos um “Nepal-junto-a-nós”, quotidiano, não se tendo ainda operado o milagre de o vermos, cegos à nascença e surdos ao Senhor que se estabeleceu em cada um. Sabemos, contudo, que o Senhor está em cada pessoa, esquecendo-o redondamente e espevitamos o nosso sentido organizativo, como fuga que queremos presença. Tudo bonito e lindo, com intervalos para café e tudo. Descansado: estamos a resolver. Tenham fome, sede, estai presos ou doentes, se fordes estrangeiros, então o melhor é impedir a vossa entrada dentro dos nossos domínios, estejam nus, acreditai que vamos resolver, depois de planear, conduzindo-vos a quem vai tratar da matéria...